

## Deodato e o Estudante

**JOSÉ EDUARDO DE LIMA PEREIRA**

(Aluno do Professor Alberto Deodato —  
Turma de 1972)

Primeiro dia de aula na Escola de Direito. Calouros desconfiados tentam sondar o ambiente novo, discernir quem é quem em meio à confusão do início do ano letivo e à indiferença cultivada dos veteranos. O saguão da Faculdade, naquela manhã, ressoa e retumba com o eco de centenas de vozes que querem, todas ao mesmo tempo, conhecer horários, números de salas, nomes de professores, cardápio do restaurante e funcionamento da sala de pingue-pongue. Um meio-silêncio se faz apenas com a passagem de algum professor, sisudo e solene. De repente irrompe no recinto uma grande cabeça de poeta, saudada com efusividade pelos alunos dos últimos anos. À sua passagem as rodas se abrem, os abraços se sucedem, as evocações do ano passado se repetem.

É quando uma caloura, subitamente enamorada daquela juventude encanecida, pergunta aos veteranos conhecidos quem é aquele aluno mais velho, de quem todos parecem tanto gostar. Gargalhada geral e a moça é apresentada, constrangida e surpresa, ao Professor Alberto Deodato mestre e amigo de todos, bom “papo”, melhor caráter, o sergipano mais mineiro do Brasil.

Muitos professores se perguntavam, naqueles dias, qual a “receita” do Deodato. Qual o segredo de quem obtinha, simultaneamente e no mesmo grau, o respeito, a amizade, a camaradagem dos moços.

Nunca houve receita alguma, pois tudo aquilo lhe era espontâneo, natural como o alvor do seu cabelo.

Conservador, “reacionário mesmo”, como se definia, sem pejo, merecia a confiança dos estudantes ultra-avanzados que o procuravam nos tempos conturbados pós 64.

“Coisa de estudante, coisa de estudante. Pois o senhor não foi nunca estudante?, perguntava ele a delegados e coronéis, com a autoridade moral de quem nunca deveu nada a ninguém.

Era esse amor místico à mocidade que o aproximava dos moços, que o fazia um deles.

Que me perdoem os admiradores do mestre, do cronista, do político. Outros se incumbirão de destacar suas atividades profissionais e cívicas. O que me fica como retrato perene de Deodato é a sua presença entre os jovens, assumindo um papel informal de conselheiro, de figura paterna para tantos filhos carentes de afeto em casa, para tantos estudantes que deixaram suas famílias no interior. Ele era um deles, um igual, um jangadeiro nordestino ancorado nestas montanhas que ele tanto soube amar.

Em meio às atribulações da vida universitária, Deodato era a rocha, o ponto firme, o apoio certo.

E, curioso, é de uma canção que foi muito cara aos jovens que consigo retirar a imagem verdadeiramente representativa de sua atuação, de seu papel: Ele lá estava, e a sua simples presença, sua simples existência, dava segurança aos que tinham de cruzar a torrente, “like a brigde over troubled water”.